



Korn acha que não viverá para ver um Brasil mais justo



Borba: não existe mágica, a crise brasileira não vai se resolver em três ou quatro anos

Brasil, um país sem prazo certo para se ver livre da crise

LÉA CRISTINA

Renda do trabalho caindo 40% em dez anos, recorde de desemprego nos últimos sete anos, inflação voltando à casa dos mil por cento. Além de um cenário mundial em que a recessão ainda domina. O Brasil tem jeito? Lógico que tem, mas para muitos, na melhor das hipóteses, só as novas gerações verão a economia brasileira se tornar socialmente mais justa. Os mais otimistas esperam transformações no longo prazo.

O presidente do Bank of America no Brasil, Joel Korn, é um dos mais descrentes: aos 46 anos, ele não acredita que viverá o suficiente para ver o país se transformar num Brasil socialmente mais justo. Admite que o medo de choques econômicos continua presente e reafirma que os recursos externos só voltarão ao país quando as regras econômicas estiverem mais claras:

— Gostaria de estar mais otimista, mas a sociedade brasileira está cada vez mais desiludida. Começamos a década de 90 com esperanças e aconteceu o que aconteceu — diz Korn, referindo-se ao período Collor.

A economista Maria da Conceição Tavares também acentua



Conceição: 'Em 1954, os pobres eram 10 milhões. Hoje são 60 milhões.'

que as grandes transformações estão muito longe. Esta semana, Conceição assumiu a presidência do Instituto dos Economistas do Rio de Janeiro (Ierj), com duas missões: fortalecer a classe em resposta às contantes críticas recebidas e tentar estabelecer um consenso mínimo em torno de saídas para o país. Sem se preocupar em chegar a ver resultados:

— Quando eu cheguei ao Brasil, em 1954, o país tinha dez milhões de pobres. Hoje tem 60 milhões. Leva-se uma nova geração, pelo menos, para se dar um jeito nesta situação — acentua Conceição, para quem o grande responsável foi o Governo militar: — O regime militar não tem perdão por duas razões: deixou apodrecer as instituições e não cuidou da miséria, ao contrário

dos regimes fechados do Japão e da Alemanha, por exemplo, que cuidaram da saúde e da educação de seu povo.

O economista Reinaldo Gonçalves acha que teremos um fim de século de crise profunda: tanto aqui dentro, quanto lá fora. O presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Eurico Borba, acentua que não existe mágica, diz que a crise brasileira não vai se resolver em três ou quatro anos. O economista João Sabóia, 48 anos, também acha que um país melhor é realidade para ser vivida por seus filhos e netos. Já André Urani, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 32 anos, está certo de que vai assistir a alguma transformação no país:

— Nada de curto prazo. E nada de ideal. Mas o país tem condições para estabelecer uma organização política e gerar bem-estar.

Também o diretor-executivo da Xerox do Brasil Guilherme Bittencourt, 44 anos, espera ter tempo para viver um Brasil melhor. Como os outros, diz que a questão principal é a estabilidade política. Fora disso, acentua, o país tem uma forte capacidade de reação, porque seu potencial tanto de consumo, como de produção, é grande.

30-7-89